

**Projeto “Dando Asas”: inclusão de pessoas com deficiência nos projetos de extensão da FEF/UFG.**

RODRIGUES, Fernando Ricardo Barbosa– FEF/UFG  
fernandorbodrigues@gmail.com  
PEREIRA, Jéssica de Moura– FEF/UFG  
jessica\_winans@hotmail.com  
NOLETO, Laise – FEF/UFG  
laisenoletoed.fisica@hotmail.com  
PACHECO, Raquel Bernardes – FEF/UFG  
kel\_dpe16@hotmail.com  
DALLA DÉA, Vanessa Helena Santana – FEF/UFG  
vanessasantana@ig.com.br

**Palavras-chave:** deficiência, atividade física, inclusão.

**Justificativa/Base teórica:**

Os projetos de extensão do Centro de Práticas Corporais, na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, atendiam no início de 2010 mais de 500 pessoas da comunidade interna e externa da UFG. São projetos de natação, hidroginástica, dança de salão, dança do ventre, vôlei, musculação, ginástica, lutas, entre outros.

No entanto não havia nenhuma pessoa com deficiência participante destes projetos. Este fato acontecia por falta de conhecimento e suporte para uma inclusão adequada e digna, assim quando as pessoas com deficiência procuravam a secretaria de extensão da FEF eram encaminhadas para outras instituições com serviços especializados.

Cientes do direito de inclusão destas pessoas o Projeto “Dando asas” iniciou-se em março de 2010, oferecendo informações e condições para a adaptação das pessoas com deficiência nestes projetos de extensão.

“Resumo revisado pela Coordenadora da Ação de Extensão e Cultura código: FEF-95, nome do coordenador Profa. Dra. Vanessa Helena Santana Dalla Déa”.

Oferecer serviços para um determinado público implica inicialmente em se estabelecer estratégias, desde a linguagem adotada até os cuidados com a utilização de espaços físicos e equipamentos, adequadas às características específicas do grupo em questão, sua faixa etária, gênero, realidade social, entre outras.

Da mesma forma, o oferecimento de serviços para pessoas com deficiência requer adaptações que para serem realizadas necessitam prioritariamente que o profissional tenha o conhecimento das características específicas do seu público, desde a etiologia dos diferentes tipos de deficiência até o contexto histórico e social em que estão inseridos. Quando o oferecimento deste serviço tem o caráter inclusivo, ou seja, receber pessoas com deficiência em grupos com pessoas sem deficiência, além do conhecimento acerca das deficiências é necessário considerar as diferentes vivências e experiências nestas práticas que possuem os dois grupos.

"Conceitua-se inclusão social como o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais pessoas com necessidades especiais, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade". (SASSAKI, 2002, p.41)

As adaptações necessárias para a inclusão de pessoas com deficiência nos diversos programas de lazer e recreação podem ser, de uma forma geral, decorrentes de barreiras arquitetônicas, (acessibilidade dificultada aos espaços e equipamentos de lazer), ou barreiras atitudinais (manifestadas nas relações interpessoais carregadas de preconceitos).

Neste processo de construção de uma sociedade para todos sob a perspectiva inclusivista, faz-se necessário que a idéia seja aplicada a todos os sistemas sociais. A este respeito a ONU, em 1983, elaborou o documento "Programa Mundial de Ação Relativo às Pessoas com Deficiência", no qual conceitua o termo inclusivista "equiparação de oportunidades":

"Equiparação de oportunidades, significa o processo através do qual os sistemas gerais da sociedade - tais como ambiente físico e cultural, a habitação e os transportes, os serviços sociais e de saúde, as oportunidades educacionais e de trabalho, a vida cultural e social, incluindo as instalações esportivas e recreativas - são feitos acessíveis para todos." (NAÇÕES UNIDAS, citado por SASSAKI, 2002, p.40)

A mesma organização publicou, após dez anos, o documento "Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para as Pessoas com Deficiência", ratificando o princípio de igualdade de direitos para todos. Quando os conceitos de inclusão são aplicados aos sistemas sociais, podemos falar, de acordo com SASSAKI (2002), em lazer inclusivo, transporte inclusivo ou educação inclusiva.

As barreiras atitudinais, por sua vez, são impostas na maioria das vezes pelo desconhecimento, por idéias equivocadas e informações inexatas acerca das deficiências. De acordo com Sasaki (2002), termos são considerados corretos em função de certos valores e conceitos vigentes em cada sociedade e em cada época. Assim, referir-se às pessoas com deficiência ou à assuntos ligados à elas utilizando-se termos inadequados implica no risco de reforçarmos e perpetuarmos a idéia de falsos conceitos, o que justifica a importância da utilização de uma terminologia adequada quando abordamos assuntos tradicionalmente eivados de preconceitos, estigmas e estereótipos, como é o caso das deficiências que, de acordo com a Organização Mundial de saúde, aproximadamente 10% da população possuem.

Ao considerarmos então, o processo histórico e a "construção social da deficiência" (Omote, 1994), ou seja, as expectativas e exigências dirigidas ao grupo social que determinam suas inter-relações, podemos observar que termos como "inválido", utilizado para se referir a uma pessoa com deficiência, foi utilizado desde a Antiguidade até o final da Segunda Guerra Mundial, período onde as pessoas com deficiência eram consideradas sem valor, significado próprio da palavra. Já "criança excepcional" foi o termo utilizado nas décadas de 50, 60 e 70 para designar pessoas com deficiências mentais. As palavras aleijado, defeituoso, incapacitado, e inválido foram utilizados com freqüência até a década de 80. No entanto, no período de 1986 a 1996 tornou-se bastante popular no Brasil, o uso da expressão "portador de deficiência" ou "pessoa portadora de deficiência" que posteriormente começa ser questionada pelo próprio grupo de pessoas com deficiência com a argumentação de que elas não portam a deficiência, que significa o mesmo que levar ou carregar consigo, como se ora portassem oram não portassem. Ainda na metade da década de 90, entrou em uso no país a expressão "**pessoas com deficiência**", que permanece sendo mais adequadamente utilizada até os dias de hoje.

## **Objetivos**

O objetivo do presente projeto está sendo de possibilitar a inclusão de pessoas com deficiências nos diversos projetos de extensão do Centro de Práticas Corporais da Faculdade de Educação Física da UFG.

## **Metodologia**

Para a inclusão destas pessoas foram necessárias algumas ações:

Ação 1 – Visitas às instituições, associações e escolas especiais para convidar as pessoas com deficiência para participarem dos projetos;

Ação 2 – Receber as pessoas com deficiência na FEF identificando necessidades e quais atividades estas gostariam de participar;

Ação 3 – Preparar e encaminhar para o monitor responsável pelo projeto todas as informações necessárias para a inclusão desta pessoa na atividade escolhida;

Ação 4 – Acompanhar a pessoa com deficiência na atividade realizando e facilitando as adaptações necessárias para sua inclusão efetiva e positiva, até que esta apresente uma participação independente, prazerosa e saudável sem danos para sua atividade ou dos outros alunos;

Ação 5 – Avaliar de tempos em tempos a qualidade da inclusão e participação da pessoa com deficiência e oferecer suporte pedagógico ou teórico sempre que necessário.

## **Resultados e discussão:**

Após sete meses do início do projeto “Dando asas” temos como resultado a inclusão total e independente de 12 pessoas com deficiência e realizamos um trabalho individualizado com mais 2 pessoas.

Um jovem com amputação de uma das pernas participa da dança de salão e um jovem senhor com deficiência cognitiva e dificuldades físicas faz musculação. Fazendo hidroginástica temos um homem com seqüela de acidente vascular cerebral, mais uma mulher com seqüela de poliomielite, um homem com paralisia total de um dos braços, uma idosa com deficiência em uma das pernas, além de duas pessoas com deficiência cognitiva (um homem e uma mulher).

Na natação infantil incluímos com sucesso quatro crianças sendo uma com síndrome de Down, um menino com hidrocefalia, uma garota com hemiplegia e uma garota com deficiência cognitiva.

Ainda nas práticas aquáticas realizamos um trabalho especializado, que visa preparar para uma futura inclusão na natação de adultos, com dois homens paraplégicos.

Lembramos que nosso trabalho visa a qualidade da inclusão destas pessoas, assim os números não são significativos, mas o trabalho de inclusão tem sido realizado de forma consciente e digna, respeitando os alunos sem deficiência que participam dos projetos, o monitor responsável pela atividade e principalmente a pessoa com deficiência.

São muitos os relatos positivos dados pelos familiares e pessoas com deficiência que justificam o projeto como:

- Melhora do sono;
- Postura corporal mais adequada;

- Menos tombos;
- Melhora do humor;
- Menos dor;
- Mais amigos;
- Melhora da auto-estima;
- Mais expectativas positivas em relação a vida;
- Entre outros.

Por parte dos alunos sem deficiência que participam do projeto vivenciamos relatos da riqueza que é conhecer e respeitar a diversidade.

### **Conclusões:**

O Projeto “Dando Asas” tem atingido seu objetivo com sucesso principalmente nas praticas corporais aquáticas. Garantindo a inclusão das pessoas com deficiência nos projetos de extensão do Centro de Praticas Corporais da FEF com benefícios para os alunos sem deficiência, para as pessoas com deficiência e para os monitores responsáveis pela atividade, que aprendem a trabalhar e respeitar as diferenças de maneira natural.

### **Referências bibliográficas**

OMOT, S. **Deficiência e não deficiência:** recortes do mesmo tecido. Revista brasileira de educação especial 1(2), 1994.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** Construindo uma sociedade para todos. 4.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

**Fonte financiadora:** Pró-reitoria de Extensão de Cultura da UFG – Bolsa PROBEC.